

Seus colaboradores são todos brasileiros, e não só de autores paulistas, mas também de Minas, Rio e do Nordeste, destacando-se Paulo Prado, Mário de Andrade, Tácito de Almeida, Carlos Drumond de Andrade, João Alphonsus, etc.

Nesta esquematização rápida que fizemos, pretendemos salientar as linhas mestras que Cecília de Lara metodicamente destaca nos periódicos abordados, o que faz deste estudo valiosa contribuição para a perfeita caracterização do contexto cultural em que se inseriu o modernismo brasileiro. Terminamos com as próprias palavras da autora, a respeito da contribuição do estudo de revistas e periódicos para uma reformulação da literatura brasileira: "... revertem ao âmbito vibrátil e polêmico das revistas, que respondem com presteza às críticas, seguem o desenrolar dos fatos, num ritmo vivo que não é permitido à publicação do livro" (p. 232). — **Martha Lívia Volpe Orlov.**

LIMA, Jackson da Silva — História da Literatura Sergipana. Volume I, Fundo Cultural de Publicação de Obras Sergipanas, Aracaju, 1971.

Trata-se da mais bem documentada e importante obra até hoje publicada tendo as letras de Sergipe como tema. Seu autor já assinara em 1967 um opúsculo dedicado ao poeta sergipano José Sampaio, tido como "uma espécie de Jorge Amado em poesia, sem o radicalismo da fase inicial do romancista e com maior profundidade humana é dimensão histórica" (p. 75) Promete J. S. Lima publicar, futuramente, obras dedicadas ao Folclore de seu estado natal, um novo dicionário bio-bibliográfico sergipano (atualizando assim a obra pioneira de Armindo Guaraná) e um trabalho mais ambicioso sobre a literatura de cordel no Brasil. Aguardamos e auspiciamos que tais obras em preparo logo venham a lume, pois se se nortearem pelo mesmo grau de seriedade desta sua **História da Literatura Sergipana**, certamente que a bibliografia consagrada a este pequeno e simpático estado nordestino há de se tornar mais rica.

Nesta obra, o primeiro volume de uma série de oito títulos (inéditos), o Autor discorre sobre os primeiros passos e manifestações literárias de Sergipe: os preliminares, a gênese, a trajetória e as peculiaridades da literatura sergipana, passando em seguida a analisar um a um os principais representantes de sua fase barroca e arcádica. Os volumes restantes que promete publicar serão dedicados às seguintes escolas literárias: romântica, parnasiana, simbolista, neo-parnasiana, pre-modernista, modernista e pós-modernista.

Ao todo J. S. Lima discorre no presente livro sobre 16 expoentes barrocos e arcádicos de Sergipe: a biografia de cada autor, sua bibliografia sobre o autor e alguns excertos de suas obras. Tal livro é fruto de pesquisas notadamente nos periódicos seguintes: **Recopilador Sergipano**, **Noticiador Sergipano** e **Correio Sergipense**. Embora tendo pesquisado no Arquivo Público do Estado de Sergipe, na Biblioteca Nacional, o Autor não faz referências a documentos manuscritos, citando alguns casos alguns documentos da segunda década do século passado através de publicações anteriores, como é o caso quando trata da criação das cadeiras de ensino de retórica, lógica e geometria em São Cristóvão, informação que conseguiu através do livro de Sebraão Sobrinho, **Laudas da História de Aracaju** (Bahia, 1955).

Goatariamos de sugerir a inclusão de dois nomes que durante a primeira metade do século XIX tiveram seu lugar nas letras em Sergipe, e cujos escritos podem ser encontrados entre os manuscritos do Arquivo Nacional e do Arquivo Público do Estado de Sergipe, respectivamente:

Inácio Antônio Dornaldo, professor de latim e secretário do governo por muitos anos na década de '20, e Cláudio Manoel de Castro, juiz de direito - inicialmente em

Estância, depois em Laranjeiras e São Cristóvão, cujos escritos referem-se sobretudo aos anos de '30. — Luiz R. B. Mott.

MULHALL, Michael George — **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs.** Trad. de Euclides dos Santos Moreira. Porto Alegre, Bels, 1974.

A Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais da Comissão Executiva para os Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã houve por bem publicar, em língua portuguesa, a obra vinda a lume pela primeira vez em 1873, na cidade de Londres, com o título: **Rio Grand and its german colonies.**

Nascido na Irlanda, ou mais precisamente na cidade de Dublin no ano de 1836, ao concluir seus estudos de estatística num colégio de Roma, o autor emigrou aos 22 anos para a Argentina onde deixou seu nome ligado à fundação do primeiro periódico diário da América do Sul: o **Buenos Ayres Standard.**

Ao visitar a Província do Rio Grande do Sul no ano de 1871 ficou admirado com o aspecto florescente das colônias alemãs ali estabelecidas. Segundo suas palavras, muito pouco se sabia a respeito das mesmas tanto na região do Prata quanto na Europa. Suas anotações de viagem foram em tal número que ao invés de publicá-las em seu jornal, como pensara a princípio, resolveu fazê-lo sob a forma de livro.

Desnecessário, nos parece, salientar a importância de testemunhos dessa natureza, sobretudo, para o ristoriador, sempre ávido de recolher o maior número possível de fontes primárias para seus estudos. No caso em questão, afora este aspecto há que se notar tratar-se da observação de um elemento culto que não se ateve simplesmente à narrativa pura e simples do que lhe foi dado ver com seus próprios olhos mas que, lançando mão de fontes informativas procurou enriquecer suas anotações com dados, muitas vezes numéricos, sobre população, produção, importação e exportação não só das colônias alemãs como da Província gaúcha como um todo.

Em que pese o fato de na apresentação desta publicação ter sido feita a ressalva de que o autor teve "a seu desfavor diversas circunstâncias negativas, como a do apremio de tempo, o conhecimento imperfeito de nossa língua e, por vezes, fontes impressas ou pessoais menos exatas", isto de forma alguma invalida o seu interesse para o estudioso em geral. Por outro lado devemos levar em conta que a presente edição foi enriquecida com uma série de notas muito bem cuidadas que não só complementam e esclarecem alguns pontos como atualizam determinados aspectos com os conhecimentos que hoje se tem sobre o assunto.

O fato de se tratar de uma região pouco conhecida na época, provavelmente levou Mulhall a introduzir suas anotações e impressões de viagem com a apresentação, em largas pinceladas, do império brasileiro, fornecendo ao leitor informes sobre sua divisão administrativa, aspectos geográficos, produção, comércio e cifras relativas tanto à renda como à dívida nacional. Reconhecia o autor que embora estivessem sendo construídas estradas de ferro, um cabo submarino para a ligação do império à Europa, entre outras obras de grande alcance, a seu ver a "grande meta do governo brasileiro" era, então, a colonização.

Uma vez feita essa apresentação, procedeu da mesma forma destacando do todo a Província do Rio Grande do Sul, habitat das colônias alemãs que ele objetivava focalizar.

Mulhall inicia propriamente a narrativa com sua chegada à cidade de Rio Grande então em grande agitação em virtude da inauguração das obras de instalação dos serviços de gás. Teve a oportunidade de presenciar, também, o movimento do porto,